

Construções conformativas na perspectiva funcional hallidayana

Conformative constructions on Halliday's functional perspective

Ivo da Costa do Rosário¹

Myllena Paiva Pinto de Oliveira²

Resumo: Neste artigo objetivamos analisar dois tipos de construções conformativas introduzidas por *conforme*, à luz dos postulados da Linguística Sistemico-Funcional de Halliday para a complexação de orações. Partimos da hipótese de que as construções conformativas oracionais em língua portuguesa não constituem um bloco único, mas apresentam traços formais e funcionais distintos. Com base em uma metodologia qualitativa, utilizamos dados do português brasileiro escrito do século XXI como *corpus*. Os resultados de pesquisa permitem concluir que a construção conformativa com expansão por realce é de caráter circunstancial, ao passo que a construção conformativa com projeção de circunstância de ângulo é evidencial.

Palavras-chave: Conformidade. Uso. Linguística Sistemico-Funcional. Oração complexa.

Abstract: In this paper we aim to analyze two types of conformative constructions introduced by *conforme*, considering Halliday's Systemic Functional Linguistics postulates for complex clauses. We start from the hypothesis that the conformative clauses constructions in Portuguese do not constitute a single block, but, instead, they present distinct formal and functional features. Based on a qualitative methodology, we use data from the 21st century written Brazilian Portuguese as *corpus*. The research results allow us to conclude that the conformative construction with expansion by enhancement is circumstantial, whereas the conformative construction with projection of an angle is evidential.

Keywords: Conformity. Usage. Systemic Functional Linguistics. Complex clause.

¹ Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: rosario.ivo3@gmail.com.

² Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem, Niterói, RJ, Brasil. Endereço eletrônico: myllenaivap@gmail.com.

Considerações iniciais

As pesquisas funcionalistas nascem como resposta aos estudos linguísticos de base formalista, cujos trabalhos muitas vezes prescindem de *corpus* de língua em uso, atentando-se mais detidamente às características internas da própria linguagem (NEVES, 2005). No Brasil e no mundo, coexistem diversas vertentes de pesquisas funcionalistas, como a Linguística Sistêmico-Funcional, representada por Halliday (1985; 2004), que dá sustentação teórica a este trabalho.

A conexão de orações está na base de muitas pesquisas desenvolvidas no país. Para este trabalho, elegemos um ponto desse amplo campo. Assim, nosso objetivo é analisar as construções³ conformativas, chamadas pela tradição gramatical de orações subordinadas adverbiais conformativas. Mais detidamente, nosso foco está nas estruturas instanciadas por *conforme* e seus diferentes usos semântico-pragmáticos.

Como veremos a seguir, há poucas informações disponíveis sobre as conformativas. Além disso, a caracterização dessas orações esbarra em outras nuances semânticas (comparação, modo, proporção) cujos limites nem sempre são muito claros. Portanto, o estudo da conformidade justifica-se especialmente pelo seu tratamento lacônico e, conseqüentemente, pela necessidade de um maior conhecimento acerca de suas propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

Para isso, organizamos este artigo em seis partes. Após estas considerações iniciais, na seção 2, em ‘Conformativas - da visão tradicional à abordagem linguística’, sintetizamos a forma como as orações conformativas são tratadas em algumas obras da Tradição e como costumam ser abordadas com base nas reflexões de alguns linguistas. Na seção 3, apresentamos um breve resumo sobre a conexão de orações na perspectiva hallidayana. Em seguida, na seção 4, explicitamos os procedimentos metodológicos adotados e a análise de dados propriamente dita. Por fim, traçamos algumas considerações finais e arrolamos as referências bibliográficas consultadas para esta pesquisa.

Conformativas - da visão tradicional à abordagem linguística

Ao consultar as gramáticas tradicionais de língua portuguesa, encontramos informações pouco elucidativas sobre as orações conformativas. Devido ao seu próprio

³ Neste trabalho, adotamos o conceito de *construção* utilizado por Traugott e Trousdale (2013, p. 1): “form-meaning pairing”, ou seja, uma construção é concebida como um pareamento de forma e significado. Apesar de este trabalho não se inserir no campo da Gramática de Construções *stricto sensu*, compartilhamos uma visão construcional da gramática, cujos postulados têm sido paulatinamente incorporados pelo Funcionalismo de uma forma geral (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016), haja vista sua compatibilidade teórica e seu poder exploratório.

caráter prescritivo e normativo, não há muito aprofundamento sobre o tema nem uma reflexão mais detida no plano semântico-pragmático. As chamadas orações subordinadas adverbiais conformativas carregam esse título porque desempenhariam papel sintático de adjunto adverbial de conformidade da sua oração principal. A título de ilustração, apresentamos a seguir a forma como se define esse objeto em três gramáticas normativas de língua portuguesa.

Rocha Lima (1999, p. 279), em *Gramática normativa da língua portuguesa*, assevera que a oração conformativa “traduz a conformidade de pensamento com o pensamento contido na oração principal”. O autor lista as conjunções que podem introduzir esse tipo de oração (*conforme*, *segundo*, *consoante* e *como*), explicando que as conformativas só podem aparecer em sua forma desenvolvida. Figuram como exemplos os seguintes: (a) “Os fatos se passaram *conforme a cigana os previra*” e (b) “*Como disse Buda*, tudo é dor”.

Por sua vez, Luft (2000, p. 61), em *Moderna Gramática Brasileira*, abre um tópico chamado “orações subordinadas” e nele insere as substantivas, as adjetivas e as adverbiais. Neste último grupo, estão as conformativas, definidas como orações que “introduzem-se com as conjunções *conforme*, *consoante*, *como*, *segundo* e semelhantes”. Após citar alguns exemplos, como (c) “*Conforme ele prometeu*, deverá estar aqui amanhã.”, (d) “*Conforme é o pássaro*, assim é o ninho.” e (e) “*Segundo se diz*, ele é um unha-de-fome.”, Luft (2000) faz uma ressalva sobre a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que deixa subentendida a noção de modo dentro das conformativas, com o que, na verdade, ele não concorda.

Bechara (2009), em *Moderna Gramática Portuguesa*, assevera que a conformativa é uma oração subordinada que apresenta um fato em conformidade com a declaração principal. O autor arrola como conjunções possíveis para esse tipo de construção as mesmas listadas por Luft (2000) e Rocha Lima (1999). Seus exemplos são: (f) “Consegui fazer o trabalho *como lhe ensinaram*.” e (g) “Todos procederam *conforme a ocasião ensejava*”.

Nas três obras, a ênfase recai sobre as conjunções que podem aparecer nesse tipo de construção. Logo, o fator discursivo-pragmático envolvido no uso do conector não é abordado, tendo em vista o foco em uma perspectiva mais formal do objeto. Contudo, como afirma Neves (2005), elementos coesivos (por exemplo, as conjunções) não constroem sozinhos a coesão do texto, visto que há outros elementos que ao seu lado colaboram para o estabelecimento das relações semânticas entre as orações.

Nas gramáticas descritivas e em obras de outras naturezas, as orações conformativas igualmente encontram tratamento lacônico, sem grande aprofundamento. Por outro lado, o seu tratamento é geralmente acompanhado de informações adicionais. Em Azeredo (2007), por

exemplo, essas orações são incluídas em um grande grupo de comparativas. Em Bosque y Demonte (2004), as conformativas são tratadas como pseudocomparativas, caracterizadas como estruturas com traços ao mesmo tempo comparativos e proporcionais. Neves (2011) e Raposo *et al* (2013), por sua vez, associam a caracterização das conformativas ao campo das comparativas e modais. Mateus *et al* (2003), da mesma forma, tratam das estruturas conformativas no bojo do que as autoras consideram “construções de graduação e comparação”. Por fim, em uma perspectiva tipológica, Kortmann (1997) trata das conformativas em um grande grupo modal.

Em comum nessas últimas obras, percebemos que há uma grande proximidade entre conformidade de um lado e comparação, proporção e modo de outro. Essa é a motivação para esses autores tratarem dessas orações em um mesmo grupo ou em grupos aparentados. Afinal, há inegáveis sobreposições entre conformidade e outros matizes semânticos. Voltaremos a esse ponto na seção 4 deste artigo. Vejamos agora como Halliday (2004) concebe o processo de conexão de orações.

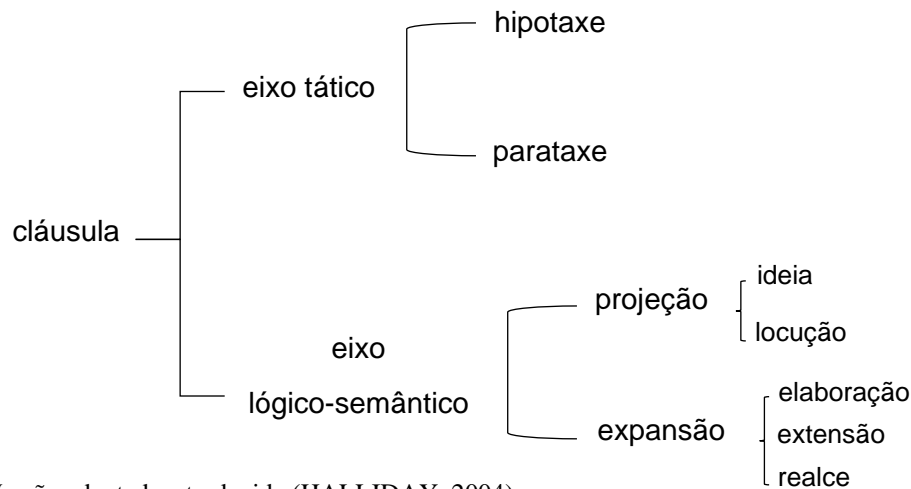
Conexão de orações na perspectiva hallidayana

Halliday (2004) dedica todo um capítulo de sua gramática para tratar da conexão de orações ou da cláusula complexa, como ele denomina. Ele investiga como o fluxo de eventos pode ser construído ao longo de um texto e afirma que, por causa da combinação de cláusulas, a integração de significados se torna mais forte em diversos tipos de texto.

Na perspectiva hallidayana, é possível mapear sistematicamente os recursos de complexação de orações com base em dois sistemas básicos: o tático e o lógico-semântico. De forma resumida, o eixo tático diz respeito ao grau de interdependência das orações. O eixo lógico-semântico, por sua vez, focaliza a relação semântica entre as orações do complexo.

Essa proposta pode ser ilustrada por meio do esquema a seguir.

Esquema 1 – Relações entre cláusulas



Fonte: Versão adaptada e traduzida (HALLIDAY, 2004).

A partir desse esquema, é possível associar o eixo tático a um polo [+ formal] e o eixo lógico-semântico a um polo [+ funcional]. No eixo tático, há dois subsistemas: a hipotaxe e a parataxe. Na hipotaxe, existem um elemento dependente e outro dominante. Na parataxe, por sua vez, os elementos têm o mesmo estatuto: um inicia e o outro continua o complexo oracional. Na complexação de orações, pode ainda haver a convivência dos dois subsistemas. Como vemos, essa é uma dimensão mais associada a propriedades morfosintáticas. A seguir, mostramos dois exemplos de Halliday (2004, tradução livre) para ilustrar a parataxe e a hipotaxe, respectivamente.

- *Kukul se abaixou no chão // e se moveu devagar.*⁴
- *Quando ele chegou a um matagal, ele ouviu um leve farfalhar de folhas.*⁵

No primeiro exemplo, Halliday (2004) mostra que duas orações interdependentes podem ter *status* equivalente – cada uma delas (Kukul se abaixou; se moveu devagar) é uma proposição por si só. No segundo exemplo, apenas uma das orações constitui uma proposição (ele ouviu um farfalhar de folhas).

Segundo Halliday (2004), no eixo lógico-semântico, entram em cena dois subsistemas que abarcam um conjunto de relações lógicas possíveis, o que está mais associado a um plano funcional. Essas são as relações lógico-semânticas apresentadas por Halliday (2004):

⁴ ||| Kukul crouched low to the ground || **and** moved slowly. ||| (HALLIDAY, 2004, p. 373).

⁵ ||| **As** he came to a thicket, || he heard the faint rustling of leaves. ||| (HALLIDAY, 2004, p. 374).

- *Expansão*: instanciada por *elaboração* (igual a), *extensão* (adicionado a) ou *realce* (multiplicado por);
- *Projeção*: instanciada por uma *locução* ou uma *ideia*.

A expansão está na ordem da experiência, ao passo que a projeção está na ordem do pensamento, acima da experiência (relacionada ao que as pessoas dizem e pensam). Aqui, destacamos algumas considerações sobre a *expansão por realce* e a *projeção*, porque, conforme vamos argumentar ao longo do texto, as construções que exprimem conformidade externa (circunstanciais) se enquadrariam em um tipo, e as de conformidade interna (evidenciais), em outro, configurando dois blocos distintos. Em Halliday (2004), encontramos os seguintes exemplos de expansão por realce e de projeção, respectivamente:

- *Mesmo sendo um livro um tanto bobo sobre as grandes paixões dos estudantes universitários, realmente era um romance.*⁶
- *“Em todo os EUA, milhares são vítimas de violações dos direitos humanos”, disse Pierre Sane, secretário-geral da Anistia Internacional. “Muito frequentemente, os direitos humanos nos Estados Unidos são uma história de dois povos – ricos e pobres, branco e preto, homem e mulher”.*⁷

O primeiro caso ilustra uma expansão por realce hipotática finita, já que expressa uma circunstância de concessão. O segundo exemplo representa uma projeção paratática, sem a presença de conector. Funciona como uma citação em língua inglesa, na qual é representado o discurso de terceiros.

Na perspectiva de Halliday, as orações circunstanciais também apresentam subtipos. Por exemplo, a “circunstancial de ângulo” é funcionalmente equivalente a algumas conformativas da língua portuguesa. Para ele, as circunstanciais de ângulo projetam pontos de vista dentro de orações e não entre orações (HALLIDAY, 2004, p. 368). A circunstância de ângulo, juntamente com a circunstância de assunto/matéria, integra a projeção. Entre os conectores que realizam ambos os tipos de circunstância estão “de acordo com”, “nas palavras de”, “para”, “no ponto de vista de”, “na opinião de”.

A proposta de Halliday (2004) em dois eixos (tático e lógico-semântico) configura um notável avanço em relação a perspectivas anteriores. Com base nos pressupostos hallidayanos,

⁶ ||| **Even though** it was a somewhat silly book about the grand passions of college students, || it really was a novel. ||| (HALLIDAY, 2004, p. 418).

⁷ “Across the USA, thousands are victims of human rights violations,” said Mr Pierre Sane, Amnesty’s international secretary-general. “Too often, human rights in the US are a tale of two nations — rich and poor, white and black, male and female.” (HALLIDAY, 2004, p. 446).

o sistema lógico-semântico não está preso a uma determinada estrutura sintática, mas pode ocorrer ao longo do sistema lexicogramatical da língua.

As variadas possibilidades de cruzamento entre os dois eixos propostos por Halliday (2004) mostram a dinamicidade da língua, evidenciando que a necessidade comunicativa faz o usuário escolher construções que sejam mais adequadas aos seus objetivos. *Grosso modo*, essa possibilidade de entrecruzamento dos eixos com variadas formas pelas quais uma noção semântica pode ser instanciada na língua ocorre dentro de grandes domínios funcionais.

De acordo com Rosário e Oliveira (2016), domínios funcionais “são grandes áreas como referência, caso, impessoalização, irrealis, tempo, modo, aspecto etc. (...) as línguas podem codificar um mesmo domínio funcional por meio de diversas estruturas”. Assim, compreendemos a conformidade como um domínio funcional que é expresso por meio de muitas construções que se apresentam na língua a partir dos cruzamentos do eixo tático com o eixo lógico-semântico. A noção de domínio funcional é bastante útil no tocante ao estudo da conexão oracional e de temas correlatos. Assim, o domínio funcional da conformidade, por exemplo, abriga esquemas de diferentes naturezas, em diversos níveis (intraoracional, oracional e supraoracional), caracterizando-se como uma grande rede de construções das línguas humanas, conforme encontramos em Pereira (2014) e Oliveira (2018).

Quando uma oração expande a outra, ela é inserida no eixo lógico-semântico da expansão. Esse eixo está relacionado ao desenvolvimento horizontal do texto. Existem três formas de *expandir* uma oração: por extensão, por elaboração e por realce. A expansão por realce ocorre quando o significado de uma cláusula salienta ou destaca o significado de outra, podendo fazê-lo de diversas maneiras possíveis, ou seja, pelas noções de tempo, lugar, modo ou causa-condição.

A hipotaxe de realce, por sua vez, pode ser equiparada ao que chamamos de orações adverbiais na tradição gramatical. Comparando-se com as paratáticas de realce, podemos dizer que as hipotáticas de realce não contribuem diretamente para mover o discurso “para frente”, como acontece nas narrativas, mas para dar outro tipo de contorno semântico à oração cujo evento ela realça. No plano de figuratividade, funcionam como fundo ou margem.

Halliday (2004, p. 441) define projeção da seguinte forma: “relação lógico-semântica pela qual uma oração funciona não como uma representação da experiência (não linguística), mas como uma representação de uma representação (linguística)”⁸. Ainda nas palavras do autor (2004), os usos mais comuns da *projeção* são os seguintes: atribuir fonte ao jornalismo,

⁸ Tradução livre de “logical-semantic relationship whereby a clause comes to function not as a direct representation of (non-linguistic) experience but as a representation of a (linguistic) representation”.

apresentar pontos de vista no discurso científico, construir o diálogo na narrativa e enquadrar questões em conversa.

Feita essa breve explanação teórica sobre a concepção de Halliday (2004) para a conexão de orações, na próxima seção, apresentamos algumas informações básicas sobre procedimentos metodológicos adotados e exploramos alguns dados que representam diferentes construções conformativas em uso no português do Brasil contemporâneo.

Procedimentos metodológicos e análise de dados

Para este artigo, selecionamos dados extraídos da internet. Por meio do site de buscas Google (www.google.com.br), foram coletadas as 100 primeiras ocorrências da conjunção *conforme* em variadas fontes. Como o objetivo desta pesquisa é eminentemente qualitativo, optamos por não tecer considerações com relação à quantificação⁹. A investigação é sincrônica, com foco no português brasileiro escrito produzido no século XXI.

Nessa coleta de dados, resultados com conteúdo metalinguístico de dicionários eletrônicos e *sites* voltados para descrição da língua foram desconsiderados, visto que não ofereciam o contexto suficiente para o tipo de análise que desenvolvemos. Igualmente controlamos a necessidade de o *corpus* refletir diferentes gêneros e sequências tipológicas, com o objetivo de a análise não ficar enviesada.

Em meio às muitas estratégias que codificam o domínio funcional da conformidade, a partir da pesquisa bibliográfica e dos resultados de outros estudos anteriores já citados neste trabalho, selecionamos o tipo do verbo (cf. SCHEIBMAN, 2001) e a correferencialidade do sujeito como critérios de análise, já que as conformativas são bastante sensíveis a esses aspectos morfossintáticos.

Os tipos de verbos ajudam a definir a relação entre as porções da construção conformativa, considerando que os conectores não constroem sozinhos a noção semântico-pragmática de um enunciado (DECAT, 2001). A análise da correferencialidade do sujeito, por sua vez, auxilia na eliminação dos dados com função mais modal-comparativa do que conformativa, tendo em vista que há uma tendência a que os sujeitos das porções da construção conformativa sejam diferentes, especialmente os de função evidencial, em que se recrutam atos de fala distintos.

⁹ Vale destacar que o levantamento de frequência é um ponto caro à pesquisa funcionalista, visto que esse levantamento atesta importantes tendências de uso. Entretanto, como o objetivo deste trabalho está centrado na caracterização formal e funcional de dois padrões conformativos, a metodologia quantitativa não foi adotada.

As associações da noção de conformidade com as semânticas de modo, proporção e comparação (escamoteadas na abordagem tradicional, mas realçadas pelos linguistas) são pistas muito importantes que nos ajudam a distinguir diferentes funções semântico-pragmáticas das construções conformativas. Essas diferentes funções têm suas contrapartes formais, já que se concretizam morfossintaticamente por meio de diferentes traços (tipo de sujeito, tipo de verbo e sequência tipológica).

O Quadro 1 a seguir contempla esses traços formais e funcionais e ilustra como a conformidade pode se apresentar nos dados de língua em uso no português brasileiro contemporâneo. De maneira sintética, esses são os três tipos de conformidade:

Quadro 1 – Tipos de construção conformativa

| Tipos | Exemplos | Características |
|--|--|---|
| I conformidade híbrida | <i>Ainda conforme fez na Argentina, ele [Paul McCartney] volta com All My Loving, de 1963, e emenda com Letting Go, de 1975, do disco Venus and Mars.</i> ¹⁰ | Função: modal/comparativa, sem causalidade Sujeito: elíptico e correferente Tipo de verbo: material Texto: informativo |
| II conformidade interna – evidencial | Dos 20 passageiros, seis ficaram feridos. Um deles em estado grave. Eles eram das seguintes cidades: 1 de Araçatuba, 3 de Birigui, 1 de Osvaldo Cruz, 11 de Presidente Prudente, <i>conforme informou a Viação Garcia ao G1.</i> ¹¹ | Função: conformativa interna Sujeito: não correferente Tipo de verbo: elocução Texto: informativo |
| III conformidade externa – circunstancial | O plano de ensino, que pode ser organizado como plano de aula, de unidade, semanal, bimestral, curso ou <i>conforme a escola organiza sua periodicidade, é o resultado do processo mental do ato de planejar, ou seja, é o documento escrito fruto da reflexão coletiva.</i> ¹² | Função: conformidade externa, com causalidade Sujeito: não correferente Tipo de verbo: material Texto: informativo |

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira (2018).

O Quadro 1 revela a heterogeneidade das conformativas. De fato, é um equívoco tratar essas orações de maneira unitária, como se tivessem um comportamento singular. Ao contrário, há tipos distintos de conformativas que exibem diferentes traços formais e funcionais: com sobreposição comparativo-modal, com atos de fala diferentes e com relação de causalidade. Esses tipos distintos, como já afirmamos, estão muito associados aos outros domínios semânticos anteriormente citados, como modo e comparação.

¹⁰ Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,em-show-paul-reveza-o-presente-com-todos-os-seus-passados,70002767922>. Acesso em: 15 fev. 2020.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2019/07/10/motorista-que-dirigia-onibus-de-turismo-de-presidente-prudente-morre-em-acidente-no-parana.ghtml>. Acesso em: 15 fev. 2020.

¹² Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/planejamento-e-planos-de-ensino-a-organizacao-da-acao-pedagogica-na-sala-de-aula/42982>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Neste artigo, por uma questão de recorte, estão em foco as construções conformativas dos tipos II e III (segundo classificação proposta no Quadro 1). Aqui essas construções serão chamadas respectivamente de *construções conformativas internas (evidenciais)*, em que a presença do verbo de elocução permite que a relação de conformidade se dê no nível linguístico, a partir da representação de um ato verbal e, de outro lado, de *construções conformativas externas (circunstanciais)*, nas quais a conformidade se dá no mundo biofísico-social. As construções que veiculam diretamente a noção sobreposta (modo e/ou comparação), integrantes do tipo I, não entram na presente pesquisa por serem híbridas, mas constituem objeto de investigações futuras. Vejamos esses tipos II e III em mais detalhes nas subseções seguintes.

Conformidade tipo II (conformativas circunstanciais)

Observemos o dado [1], um exemplo da conformidade tipo II:

[1] Caberlon declarou também que a EPTC trabalha na melhoria da qualidade de abrigos, como a Parada Segura, de pontos de ônibus e táxis. Também representando a EPTC, Rogério Caldacco Barbosa falou da necessidade do envolvimento de todas as secretarias responsáveis, e que é preciso garantir a acessibilidade de pessoas com deficiência e pessoas idosas em vias públicas, às vezes prejudicada *conforme estiver instalado o mobiliário*.¹³

No exemplo [1] percebemos que o prejuízo na acessibilidade de pessoas idosas está atrelado ao tipo de mobiliário presente nas ruas, em uma relação de indução. Defendemos que, nesse dado, há uma elipse do verbo auxiliar na formação da voz passiva sintética (verbo auxiliar + *prejudicada*) e os sujeitos são distintos (acessibilidade *versus* mobiliário). Vale destacar o uso do modo subjuntivo nessa construção (forma verbal *estiver*), conforme previsto em Neves (2011). Essa oração conformativa é do tipo circunstancial porque a parte da construção introduzida pelo conector *conforme* (instalação do mobiliário) imprime uma circunstância de indução/causalidade associada ao primeiro evento (acessibilidade). A depender da instalação do mobiliário, as pessoas com deficiências e os idosos terão acesso adequado ou não às vias públicas.

A seguir, oferecemos outro dado para ilustrar nosso objeto. Com o exemplo [2], mostramos novamente que existe uma relação de dependência entre os eventos da oração

¹³ <http://www.camarapoa.rs.gov.br/noticias/comissao-especial-discute-situacao-das-bancas-de-comercio>. Acesso em 15/02/2020.

primária e a secundária (cf. HALLIDAY, 2004): a frequência das sessões está relacionada com o nível de crescimento dos pelos, conforme podemos observar a seguir.

[2] As sessões são mensais, até o 5º. mês normalmente, após este período podem se tornar bimestrais ou trimestrais, *conforme esteja ocorrendo ou não o crescimento dos pelos*. A duração de uma sessão depende do tamanho da área que receberá o laser, varia de 10 a 30 minutos normalmente.¹⁴

Godinho (2011) e posteriormente Oliveira (2018) evidenciam que uma das funções semântico-pragmáticas das construções conformativas é a *indução*. Em outras palavras, o teor da oração dita subordinada induz o teor da oração chamada principal. Esse é o caso do dado [2], já que a frequência das sessões pode ser mais espaçada ou não, a depender do crescimento dos pelos. Em outras palavras, o evento descrito na primeira parte da construção é induzido pelo (ou está em conformidade com) a dinâmica do crescimento dos pelos, evento constante da porção introduzida pelo conector. Destacamos ainda que são diferentes os sujeitos das orações (*sessões* e *crescimento dos pelos*) e que o verbo *ocorrer* é do tipo material.

O próximo dado, de número [3], inserido de igual maneira pelo conector *conforme*, também expressa essa implicação entre as partes do complexo oracional.

[3] É importante também prestar atenção aos sinais dos filhos. *Conforme o bebê cresce*, sua capacidade de regulação térmica melhora e ele perde menos calor para o ambiente. Assim, é possível respeitar os mais calorentos — se eles demonstrarem estar sofrendo com o excesso de peças ou cobertas, tire algumas.¹⁵

Entre os eventos descritos nas orações, existe uma relação de implicação lógica. Para cada fase de desenvolvimento do bebê, há um nível de capacidade de regulação térmica e de perda de calor, estabelecendo uma relação conformativa. Assim, uma informação está relacionada à outra em uma relação de conformidade, novamente caracterizada pela indução.

Cabe destacar que a presença de vocábulos do campo semântico da valoração/quantidade (verbo “melhorar” e advérbio “menos”, por exemplo) possibilita ainda uma leitura proporcional. Isso evidencia que o domínio da conformidade faz fronteira com o domínio da proporção, pois ambos estão ligados a um arquidomínio (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016) das relações de causa-efeito.

¹⁴ <https://www.revistafutura.com.br/blog/103/este-um-dos-questionamentos-mais-frequentes-qua>.

¹⁵ <https://bebe.abril.com.br/familia/como-saber-se-o-bebe-esta-aquecido-o-suficiente/>.

Comparando-se os dados de [1] a [3], percebemos que há uma gradação do [+ conformativo - proporcional] até o [- conformativo + proporcional]. Em ambos os domínios da conformidade e da proporcionalidade, há uma relação de implicação, indução, mas entendemos que a noção de proporção instanciada pelo conector *conforme* (o mais transparente da categoria da conformidade) constitui-se em um refinamento em que o teor das orações envolve necessariamente uma valoração explícita entre os eventos descritos, logo, tem natureza fortemente contextual.

Esses três exemplos anteriores demonstram que a conformidade tipo II assume características de *hipotaxe de realce* na classificação de Halliday (2004). De fato, encontramos nos dados uma oração dominante e outra dependente. Nesses casos, a oração dominante tem o seu sentido expandido por meio do acréscimo de uma informação circunstancial (conformidade).

De acordo com Decat (2001, p. 111), expansão por realce se constitui como um “fenômeno de articulação de cláusulas que se combinam para modificar (ou expandir), de alguma forma, a informação contida em outra cláusula (ou porção do discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais”.

Halliday não arrola a conformidade entre as circunstâncias de realce. Contudo, como ele propõe a *causa* (razão, finalidade e resultado etc.) como uma dessas circunstâncias, postulamos que a conformidade do tipo II integra esse grupo. Afinal, argumentamos que a conformidade tipo II (circunstancial) carrega a ideia de causalidade em virtude da *implicatura* existente entre as partes do complexo oracional. Em outras palavras, com base nos dados expostos, evidenciamos que a noção de causalidade está presente nas construções conformativas circunstanciais. Assim esse tipo de conformidade se constitui em mais um subtipo para a circunstância de causa.

Em síntese, as construções conformativas oracionais do tipo II funcionam como integrantes de um complexo em que há hipotaxe de realce, tendo em vista que o evento de uma oração depende do evento da outra oração, havendo uma implicação entre elas. Trata-se de uma relação de conformidade externa, normalmente veiculada por meio de verbos materiais.

Conformidade tipo III (conformativas evidenciais)

As construções conformativas do tipo III apresentam um comportamento distinto do das conformativas do tipo II. Formam um complexo oracional em que detectamos mais de um

ato de fala, composto de duas unidades informacionais (cf. DECAT, 1999). Vejamos o dado (4):

[4] Estas enzimas podem ferir o endotélio (camada mais interna dos vasos sanguíneos) e causar processo inflamatório que favorece o acúmulo de substâncias como lipídios (gorduras) e obstrui vasos, o que pode provocar doenças coronarianas. *Conforme explica a reumatologista Licia Maria Henrique da Mota, coordenadora da Comissão de Artrite Reumatoide, da SBR, há diversos estudos anteriores ao da Dinamarca que pesquisaram aumento do risco cardiovascular em pacientes com artrite reumatoide (AR).*¹⁶

O dado [4] é frequentemente encontrado em sequências argumentativas, geralmente em textos nos quais se precisa ou mostrar a fonte da informação ou validar o teor do texto com um argumento de autoridade. Nele observamos a presença de um verbo de elocução (no caso, o verbo “explicar”) seguido de um sujeito. Oração primária e oração secundária desse complexo oracional não são parte de um mesmo ato de fala, mas, ao contrário, o conteúdo linguístico de Licia Maria Henrique da Mota é utilizado juntamente com o conteúdo linguístico do autor do texto. Portanto, temos uma “representação da representação linguística na formação desse complexo oracional”, nos termos de Halliday (2004).

O exemplo [5] é bastante parecido. Encontramos um verbo de elocução (verbo “informou”) com seu sujeito posposto (substantivo “polícia”).

[5] O suspeito confessou o crime à Polícia Civil. Ele disse que agrediu o menino com socos e, quando a criança ficou desacordada, levou-a até o matagal e a matou por enforcamento, *conforme informou a polícia.*¹⁷

Nesse dado, um enunciado verbal novamente é representado por uma construção conformativa. Em (5), também identificamos o que Halliday (2004) classifica como uma hipotaxe de projeção (“Ele disse que”). De igual maneira, como fica claro, ambas as estruturas são utilizadas no texto para recrutar a atividade verbal de uma terceira entidade, nesse caso o agressor (*ele*) e a polícia. É justamente por isso que Halliday (2004) considera a projeção uma noção lógico-semântica (e não estrutural), porque ela é capaz de ser instanciada de diversas maneiras.

Apresentamos a seguir um último exemplo, o dado [6].

¹⁶ Disponível em: <https://www.reumatologia.org.br/orientacoes-ao-paciente/artrite-reumatoide-aumenta-risco-cardiaco-em-mulheres/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

¹⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2019/08/04/pai-e-mae-sao-presos-suspeitos-da-morte-do-filho-de-4-anos-em-arcoverde.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2019.

[6] *Conforme evidencia a denúncia*, o nível de endividamento da empresa foi apontado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) – onde o senador não possuía influência política – para negar pedido de empréstimo.¹⁸

O dado [6] é estruturalmente semelhante aos demais, visto que é formado por verbo de elocução (verbo “evidencia”) e sujeito posposto (substantivo “denúncia”). Vale destacar que “*evidenciar*” não é central na categoria dos verbos de elocução, porque passa pela noção relacionada a cognição.¹⁹ Por outro lado, em razão do contexto, expressa uma noção semelhante à dos verbos de elocução, já que, de alguma forma, constitui-se em uma representação de uma representação verbal contida na denúncia.

Com base nos três últimos exemplos, argumentamos que as construções conformativas do tipo III poderiam ser alocadas na categoria de projeção, cunhada por Halliday (2004). Moyano (2015), em estudo sobre as realizações da projeção, em espanhol, menciona construções conformativas (não necessariamente as oracionais), assim como Halliday (2004), como *circunstâncias de ângulo* e as caracteriza, de fato, como exemplares de projeção.

Conformativas circunstanciais e evidenciais

Segundo a análise empreendida, as conformativas dos tipos II e III não podem ser inseridas em mesma categoria singular, já que estão associadas a traços formais e funcionais distintos. Logo, com base na análise qualitativa dos dados desta pesquisa, a conformidade circunstancial e a conformidade evidencial exibem as seguintes características:

Quadro 2 – Distribuição dos tipos de conformidade analisados segundo os critérios de Halliday (2004)

| | CONFORMIDADE TIPO II CIRCUNSTANCIAL | CONFORMIDADE TIPO III EVIDENCIAL |
|----------|--|-------------------------------------|
| Projeção | | x |
| Expansão | x | |
| Ângulo | | x |
| Realce | x | |
| Parataxe | | x |
| Hipotaxe | x | |

Fonte: Elaboração própria.

¹⁸ Disponível: <https://oglobo.globo.com/brasil/raquel-dodge-denuncia-fernando-collor-por-peculato-23702783>. Acesso em: 12 ago. 2019.

¹⁹ Sobre tipos verbais, ver Scheibman (2001, p. 67). Sobre os tipos verbais observados nas construções conformativas, ver Oliveira (2018).

A conformidade tipo II é equivalente à aqui caracterizada como expansão por realce. Esse tipo de conformidade instancia uma representação direta do mundo biofísico-social, uma relação de destaque entre eventos descritos nas orações que compõem o complexo. Aproxima-se do eixo hipotático, funcionando como uma circunstância conformativo-proporcional, que, segundo nossa análise, se enquadra entre as relações de causa descritas por Halliday (2004).

A conformidade tipo III, por sua vez, é equivalente, em algum nível, ao que Halliday chama de circunstância de ângulo, responsável por evidenciar pontos de vistas e fontes de informação em discursos sobretudo científicos, em sequências argumentativas de modo geral. Portanto, argumentamos que se constitui em uma relação lógico-semântica de projeção. Em razão da presença de verbos de elocução ou de cognição (que podem metaforicamente representar o pensamento, a ideia ou a fala de alguém), construções conformativas tipo III são a representação de uma representação verbal ou mental e, por isso, ao reproduzir um ato linguístico, e não uma circunstância do mundo biofísico-social, pode ser enquadrada como projeção. No que se refere ao eixo tático, as observações sobre a conformidade tipo III indicam que se estruturam de forma [+ paratática]. Esse tipo de construção conformativa, de fato, se distancia do eixo hipotático.

Considerações finais

Com base em Halliday (2004), estabelecemos como objetivo deste artigo o estudo da conjunção *conforme* em dois diferentes tipos de construção conformativa, no âmbito da complexação de cláusulas. Ao contrário do que comumente é veiculado, a conformidade pertence a um domínio complexo e manifesta sobreposições com outros domínios.

Apesar de os autores em geral não salientarem as diferenças entre os tipos de conformativas, concluímos que essas construções não são homogêneas (nem estrutural nem funcionalmente), o que nos fez identificar três tipos distintos. Como recorte, selecionamos analisar neste artigo apenas dois padrões (evidenciais e circunstanciais), sem considerar a conformidade híbrida, que, entendemos, apresenta mais características de modo e/ou comparação do que de conformidade propriamente dita.

Para finalizar essa discussão, apresentamos a seguir um quadro que sintetiza e ilustra as propriedades formais e funcionais da construção de tipo II e da construção de tipo III, já exploradas ao longo deste artigo:

Quadro 3 – Propriedades formais e funcionais das conformativas circunstanciais e evidenciais

| CONFORMATIVAS TIPO II – CIRCUNSTANCIAIS | |
|--|--|
| Hipotaxe de realce por expansão | |
| Propriedades morfosintáticas | verbo material sujeito não correferencial |
| Propriedades semântico-pragmáticas | O evento descrito na porção introduzida pelo conector (oração secundária) induz/influencia o evento descrito na oração primária, imprimindo marca circunstancial de causa-efeito ao enunciado. |
| CONFORMATIVAS TIPO III – EVIDENCIAIS | |
| Parataxe de ângulo por projeção | |
| Propriedades morfosintáticas | verbo de elocução (ou metafórico) sem sujeito correferencial |
| Propriedades semântico-pragmáticas | O evento mencionado na porção introduzida pelo conector (oração secundária) informa a fonte da informação presente na oração primária, projetando uma ideia, um pensamento ou um ato de fala, em forma de representação linguística. |

Fonte: Elaboração própria

Sem dúvida, ainda há um longo caminho a ser percorrido, tanto no campo do estudo das conformativas, sempre muito laconicamente apresentadas pelos manuais, como também no campo teórico da conexão oracional em sentido mais amplo. Assim, este artigo, apesar de ser um pequeno passo, já demonstra um grande panorama profícuo de análise e uma rica agenda de trabalhos que pode igualmente ser desenvolvida nessa perspectiva.

Referências

AZEREDO, J. C. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Orgs.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madrid: Espasa, 2004.

DECAT, M. B. N. Por uma abordagem da (in)dependência de cláusulas à luz da noção de ‘unidade informacional’. **Scripta: Linguística e Filologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 23-38, 1999. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10274/8394>. Acesso em: jan. 2018.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática no português em uso. In: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F.; BITTENCOURT, V. O.; LIBERATO, Y. G. (Orgs.). **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.

GODINHO, A. **Cláusulas com Noção de Modo em Português**: um estudo funcionalista. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. Above the clause: the clause complex. In: HALLIDAY, M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2004.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages. (EALT, 18.) Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. São Paulo: Globo, 2000.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

MOYANO, E. I. Patrones de realización de la proyección en la Discusión de artículos de investigación producidos en español. **D.E.L.T.A.**, v. 31, n. 1, p. 143-183, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v31n1/0102-4450-delta-31-01-00143.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

NEVES, M. H. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NEVES, M. H. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

OLIVEIRA, M. P. P. **Funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais**: uma análise centrada no uso. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

RAPOSO, E. B. P. *et al.* (Orgs.) **Gramática do Português**. v. 2. Coimbra: Fundação Colouste Gulbekian, 2013.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. São Paulo: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

SCHEIBMAN, J. Local patterns of subjectivity in person and verb type in American English conversation. In: BYBEE, J. & HOPPER, P. (Ed.). **Frequency and the Emergence of Linguistic Structure**. Philadelphia: John Benjamins North America, 2001.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Sobre os autores

Ivo da Costa do Rosário (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-1315-6787>)

Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ e em Letras pela UFF; especialista em Docência do Ensino Fundamental e Médio pela FEITA-Itaboraí, em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela UFF; graduado em Letras – Português/Inglês e respectivas literaturas pela UERJ e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

Myllena Paiva Pinto de Oliveira (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-2083-9885>)

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF); mestra em Estudos de Linguagem pela mesma instituição; especialista em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); graduada em Letras - Português e Literaturas pela UFF.

Recebido em mês de XXXX.

Aprovado em mês de XXXX.